

Simone de Beauvoir. “Não se nasce mulher, torna-se mulher”.

Simone de Beauvoir. One is not born, but rather becomes, a woman

Magda Guadalupe dos Santos *

Resumo

Este trabalho foi apresentado, em sua forma de comunicação, no Projeto *Convite ao Pensar*, do Instituto de Filosofia e Teologia, Dom João Resende Costa, da PUCMINAS, em maio de 2010. Trata da relação textual entre Autobiografia e Ensaio filosófico-antropológico discutida à luz do pensamento, vida e obra de Simone de Beauvoir. Obras como *A Força da Idade* e o *Segundo Sexo* tornam-se aqui meios de interlocução para se analisar a relação dos textos com o amadurecimento político-filosófico e feminista de uma pensadora e filósofa tão polêmica nos registros acadêmicos da contemporaneidade.

Palavras-chave: Alteridade; Feminismo; Memória.

Abstract

This paper was presented, in the Project *Convite ao Pensar* by the Instituto de Filosofia e Teologia, Dom João Resende Costa, at PUCMINAS in May 2010. It deals with the textual relationship between Autobiography and Philosophical-anthropological Essay as discussed through the thinking, life and writing of Simone de Beauvoir. Thus, works such as *The Coming of Age* and *The Second Sex* become means of debate in order to analyze the relationship of the texts with the political-philosophical and feminist maturation of such a controversial thinker and philosopher in the history of contemporary academia.

Keywords: Alterity; Feminism; Memory.

* Doutora em Direito. Professora do Departamento de Filosofia do Instituto Dom João Resende Costa, da PUC Minas.

Introdução

“Não se nasce mulher, torna-se mulher”

Com essa frase, Simone de Beauvoir inaugura o segundo volume de sua obra mais famosa, intitulada: *O Segundo Sexo*.

Quanta ironia há nesse título do livro! quanta provocação há nessa frase! Para se dar tratamento ao tema e analisar algumas questões acerca da mencionada obra, que reflete o vigor de suas idéias, deve-se também vasculhar um pouco acerca dessa mulher que mudou as formas de ser e de dever ser da cultura do século XX. Vida e obra aqui se mesclam, interagindo entre si.

Divide-se esse pequeno texto em duas partes.

1) Na primeira parte, que denomino de **histórica**, penso ser interessante expor determinados aspectos da vida de Simone de Beauvoir, como meio de contextualizar suas idéias. Relevante observar, sempre que se escreve ou se apresenta algo sobre determinado tema visa-se sempre a um receptor. Tem-se sempre diante da escrita ou da apresentação leitores ou espectadores que captam as palavras e as assimilam como algo próprio.

Levando em consideração os variados interesses dos leitores e espectadores da seção *Convite ao Pensar*, que integra a revista, torna-se oportuno observar que, ao se pensar em Simone de Beauvoir, deve-se focar não apenas seus ensaios filosóficos, suas obras de ficção, mas sobretudo seus textos autobiográficos. De um lado, entre os ensaios, encontra-se *O Segundo Sexo* – obra de impacto nos movimentos feministas dos anos 60 e 70 e na releitura dos estigmas culturais –; de outro lado, em seus textos de memória, há, por exemplo, *A Força da Idade*. Entre eles e depois deles há uma enorme produção literário-filosófica que demonstra a seriedade e complexidade do pensamento de Simone de Beauvoir.

O conhecimento do mundo

Toma-se aqui, num primeiro momento, a obra autobiográfica *A Força da Idade*, para tentar iniciar uma interlocução entre sua vida, suas idéias e o público leitor. Trata-se

de seu segundo texto autobiográfico, publicado em 1960, mas que versa sobre os acontecimentos vividos entre 1929 e 1944. Logo no *Prólogo* ela escreve:

Lancei-me numa aventura imprudente, quando comecei a falar em mim; começa-se; não se acaba mais. Meus vinte primeiros anos há muito que os desejava contar; nunca esqueci os apelos que dirigia, na adolescência, à mulher na qual me iria fundir, em corpo e alma. Nada ficaria de mim, nem mesmo uma pitada de cinzas; rogava-lhe que me arrancasse um dia desse vazio em que me houvesse mergulhado. Talvez meus livros não tenham sido escritos senão para atender a essa antiga prece. Aos cinquenta anos julguei que chegara o momento; emprestei minha consciência à criança, à jovem abandonada no fundo do tempo perdido e com ele perdida. Fiz com que existissem em preto e branco no papel. (BEAUVOIR, *FA I*, 1961, p. 5)

Buscando entender o que ela mesma tem a nos dizer, vale contextualizar rapidamente sua vida, que se dá no período de 1908 a 1986, relatada em suas memórias. O mapa histórico de sua época é pleno de mudanças. Quando se foca a obra *A Força da Idade*, a temporalidade que sustenta a descrição constitui um fundo relevante. Seus relatos apontam o ano de 1929 como uma primeira data que lhe parece importante para pontuar suas viagens de conhecimento do mundo; seus escritos passam a se dedicar e a demonstrar o que é esse panorama visto da ótica de uma mulher que se descobre imersa num mundo de homens.

Ela escreve ainda em *A Força da Idade*

O que me inebriou quando voltei a Paris, em setembro de 1929, foi primeiramente a minha liberdade. Com ela sonhara desde a infância quando “brincava de moça” com minha irmã. (...) Pagava uma pensão a minha avó e ela me tratava com a mesma discricção com que tratava os outros inquilinos; ninguém controlava minhas idas e vindas. (...) Constatei alegremente que “a seriedade da existência”, com que os adultos me tinham enchido os ouvidos, em verdade não pesava muito na balança.(BEAUVOIR, *FA I*, 1961, p. 9-10).

No cenário histórico-geográfico de sua vida depara-se com a imagem de mulher que ela vai construindo para si. O final dos anos 20, como também grande parte do século XX, trazem à cena política os dilemas cruciais dos totalitarismos, do antissemitismo e do imperialismo. A radicalidade desses acontecimentos, como bem lembra Hannah Arendt, demonstrara que a “dignidade humana precisa de nova garantia” a ser firmada por meio de “novos princípios políticos” (ARENDR, 1989, p. 13).

Embora o cenário europeu vivido por Simone de Beauvoir fosse o mesmo que o de Hannah Arendt, suas visões de mundo, num primeiro momento, mostram-se bem distintas. A consciência política que Arendt sempre revelou ao público leitor só se apresenta em Beauvoir na interlocução com a própria escrita e com a coragem de rever e renomear continuamente seus pressupostos morais. Ao relatar suas experiências de vida e seu olhar sobre a realidade no final dos anos 20, Beauvoir descreve a ilusão de plenitude que lhe parecia possível de ser vivida. Mas é pela descrição do tempo passado que a coragem de reler-se sobre a pauta de valores conquistados apenas ao longo da história pode se exhibir. A miragem das memórias é que torna presente o passado, mas o olhar da memorialista é o do presente da narrativa e não o do tempo vivido. No confronto temporal e valorativo, uma obra filosófico-literária vai-se erguendo e abrindo caminhos para a compreensão da *aventura humana*.

No processo lento e gradual de construção de sua vida e de sua história, entre estudos, livros, viagens, ela encontra amigos, amantes e o companheiro de uma vida:

Sartre viera me ver no Limousin; hospedara-se no Hotel de la Boule d'Or, em Saint-Germain-les-Belles; para evitar falatórios, encontrávamo-nos a boa distância da aldeia, no campo.(...) Sartre vivia para escrever; tinha por missão testemunhar todas as coisas e retomá-las por sua conta à luz da necessidade; a mim era-me prescrito emprestar minha consciência ao múltiplo esplendor da vida e eu devia escrever para arrancá-la ao tempo e ao nada. Essas missões impunham-se a nós com uma evidência que nos garantia sua realização; sem no-lo formular, aderíamos ao otimismo kantiano: deves, logo podes. (BEAUVOIR, *FA I*, 1961, p. 12).

Esse encontro com o então jovem filósofo lhe dá a impressão de que liberdade e amizade equivalem à confiança no mundo e em si mesmos. Eram eles contra a sociedade e opunham-lhe um certo antagonismo, mas isso “implicava em um robusto otimismo”. Supunham a possibilidade de contínua recriação do ser humano e essa invenção seria em parte obra de seus pensamentos e ações:

(...) no outono de 1929, partilhávamos a euforia da esquerda francesa. A paz parecia definitivamente assegurada. A expansão do partido nazista na Alemanha representava apenas um epifenômeno sem gravidade. O colonialismo seria liquidado dentro de curto prazo. (...) Ignorávamos em todos os terrenos o peso da realidade. (BEAUVOIR, *FA I*, 1961, p. 13).

Suas descrições realçam que os desígnios de sua existência lhes soavam tão apropriados que mascaravam a adversidade do mundo. Tanto ela, quanto Sartre, filósofos, professores de filosofia, viam-se, então, “encorajados pelo racionalismo cartesiano, que “Alain lhes transmitira e que eles tinham abraçado porque lhes convinha” (BEAUVOIR, *FA I*, 1961, p.13). Ao lado disso, era-lhes também necessário seguir suas intenções e convicções, voltando-se para o progresso das coisas. Nada parecia limitá-los, nem defini-los ou sujeitá-los.

Acreditavam que a “liberdade era a sua “própria substância”, passível de ser exercida sem grandes preocupações (BEAUVOIR, *FA I*, 1961, p. 17). Ávidos por liberdade e nela se referendando, criaram entre si regras, normas de conduta moral que se tornaram modelo para uma época. Assim é que Beauvoir, em suas obras de memória, refaz a trajetória de seu tempo e apresenta a imagem inovadora de mulher e de homem, que ela e Sartre ousavam ser. Ela o faz, num primeiro momento, de uma perspectiva do indivíduo que está se descobrindo num mundo com normas já estanques e que mereceriam ser revistas. Num segundo momento, ela o faz da perspectiva crítica de uma mulher inserida num processo de engajamento político e, a partir de então, individualidade e política caminham juntos. É, pois, nesse processo de duplicação de si, como personagem e autora de seus escritos, que a descrição de um século nos é legada.

Ao se fixar o olhar investigativo nesse primeiro momento de seus escritos, narrado como plenos de crenças e expectativas, seus projetos de reconstrução do mundo, de reeducação dos valores da cultura se mesclam a uma reinvenção das relações humanas. Para mudar o mundo, é preciso reeducar a si própria. Beauvoir e Sartre acreditavam que, para o projeto de reconstrução de um ser humano autêntico, seria suficiente a simples tentativa de se fazerem coincidir consigo próprios. Contavam, sobretudo, um com o outro. A amizade, a confiança, a sinceridade e a solidariedade, subsidiadas pelo princípio moral da liberdade, pareciam-lhes itens necessários e suficientes para empreenderem novos projetos de reforma da existência humana.

Para demonstrar o vigor de seus princípios, ela narra, em *A Força da Idade*, com seu sutil humor, ter sido oferecido a Sartre um emprego no Japão, em 1931. Se lá ele deveria permanecer por dois anos, que planos poderiam ter em comum? Como articular paixão e liberdade? Ela escreve:

Sartre não tinha a vocação da monogamia; comprazia-se na companhia das mulheres que achava menos cômicas do que os homens; não desejava, com vinte e três anos, renunciar para sempre à sedutora diversidade delas. “Entre nós, explicava-me utilizando o vocabulário que lhe era caro, tratava-se de um amor necessário; convém que conheçamos também amores contingentes”. Éramos de uma mesma espécie e nossa compreensão duraria tanto quanto nós mesmos, mas ela não podia suprir as riquezas efêmeras dos encontros com seres diferentes; como consentiríamos deliberadamente em ignorar a gama dos espantos, das saudades, dos remorsos, dos prazeres que éramos também capazes de sentir? (BEAUVOIR, *FA I*, 1961, p. 19-20).

O pacto estabelecido entre ambos faz ressoar as mudanças dos tempos. Fizeram entre si um contrato de dois anos, nos quais viveriam em grande intimidade em Paris e, posteriormente, haveriam de se separar, viver em outros lugares, conhecer outras pessoas, mas jamais seriam estranhos um ao outro. Para eles, cada projeto era um “momento de realidade” (BEAUVOIR, *FA I*, 1961, p. 20).

Para amadurecer esse insólito compromisso, escreveram livros, construíram filosofias e, como bem lembra Julia Kristeva, já nesse momento Beauvoir iniciava seu projeto feminista de certa “igualdade fraternal entre os sexos”. Por acreditar que mulheres e homens estavam em igualdade e essa igualdade era considerada como “uma fraternidade sob a égide do universal” (KRISTEVA, 2005, p. 39), ela evidencia a construção de um novo *ethos*. Refaz uma distinta habitualidade que traz em si um ensinamento, uma *paideia*, a da “construção de um modelo de casal que não exhibe um amor louco, uma exaltação passional, própria dos surrealistas, mas a exaltação amorosa em um modelo de casal com debate” (KRISTEVA, 2005, p. 45). Este novo modelo de *philia* faz também ressaltar, pela escrita, a possibilidade de tornar o individual, o íntimo, o subjetivo e o privado palco de especulação literário-filosófico, ampliando-se igualmente outra ordem antropológico-epistemológica, abrindo passagem para diferentes veredas de reflexão e de ação. E, como observa ainda Julia Kristeva, o que Beauvoir e Sartre nos legaram foi

a arte de viver que mantém aos olhos do mundo a possibilidade de um diálogo entre dois indivíduos autônomos, com o sexo e para além do sexo. Não o casal de Rousseau como pedestal do Estado e da procriação, mas o casal como diálogo nuclear do laço social que nos falta inventar. (KRISTEVA 2005, p. 46).

Contudo, na força de sua vivacidade e de seu apreço à liberdade, Beauvoir não faz de si uma heroína exemplar. Relata sua gradual passagem do otimismo espetacular ao realismo moderado. Sonia Kruks denomina de “realismo dialético” o pensamento de

Beauvoir, centrado nas reflexões que devem se encaminhar a uma ação de possibilidades. O que ela chama de liberdade se opõe à opressão, à situação de uma imposta infantilidade à subjetividade humana, tolhendo-lhe o “senso de alternativas futuras” (KRUKS,1992, p. 100). Entende ainda Kruks que, em Simone de Beauvoir, a liberdade é a “capacidade de escolher como viver mesmo na mais constrangedora das situações”, rompendo as amarras da opressão (KRUKS, 1992, p. 100-101).

Nessa linha de interpretação, assentada na liberdade de escrever, de desnudar-se perante a escrita, Beauvoir se vê também livre para criticar o que fora e realçar as novas bases morais e valorativas sobre as quais se assenta, no momento da revisão da vida pelos limites da escrita.

No princípio do verão de 1939, frente às rupturas do otimismo político, diante das evidências da guerra, ela escreve não haver ainda “renunciado totalmente a esperar”. Uma voz obstinada continuava a lhe sussurrar: “Isso não acontecerá comigo; não haverá guerra. Hitler não ousaria atacar a Polônia, o pacto tripartite acabaria sendo concluído e o intimidaria. Esbocei ainda projetos de paz.” (BEAUVOIR, *FA II*, 1961, p. 7)

Eis que, bruscamente, ela se depara com um mundo em que “só se encontram mulheres, crianças e enfermos; os homens estão ausentes” (BEAUVOIR, *FA II*, 1961, p. 32). As mudanças causadas pela invasão, na França, do totalitarismo nazista deram a Beauvoir, com a ruptura da liberdade, uma aguçada visão filosófico-política do mundo. Entende ser necessário mudar o mundo, reeducá-lo, buscando novas vias de ação diante de suas arbitrariedades. De sua crença racionalista e mesmo idealista, crença presente e descrita na primeira parte do livro, ela passa a uma visão realista em bases existencialistas, na qual o ser humano deveria criar a sua própria história, seja ela qual fosse.

Engajamento face aos impasses da história

Surge nesse momento um novo projeto educativo voltado para a reforma do mundo, seja nas vias da participação política, seja nas vias da escrita, assumindo ela a postura de uma intelectual engajada numa luta contra os impasses da história. Mas fora mesmo preciso que eclodisse a guerra para que sua relação com o mundo se desse de forma tão intensa. A ingênua crença na plenitude do ser humano dissolveu-se nas armadilhas da existência. Se

antes os projetos de mudança se davam no âmbito do individual e do privado, mesmo que elevados à condição de abertura para o mundo, defronte dos embaraços da existência, a reação sobre o próprio pensamento e sobre a forma de interpretar as relações humanas se altera radicalmente.

Depois da Segunda Grande Guerra, na reconstrução dos costumes, ela sente a necessidade de investigar quem são esses indivíduos apátridas, sem identidade, sem direitos constituídos, a que a cultura denomina *mulher* e, gradualmente, embora se acreditando apenas sujeito cognoscente da pesquisa e análise, ela percebe que estava também investigando sua própria identidade como um *outro* de si mesma.

2) Já numa segunda parte desta exposição, que denomino de fase **hermenêutica**, volta-se para a expressão da obra publicada em 1949. Ao escrever *O Segundo Sexo* e ao publicá-lo sob a forma de vários artigos e, finalmente, em livro, a suposta e subjugada identidade feminina ainda se filtrava apenas sob a ótica de algumas ciências, como a Biologia, a Psicanálise, a História, mas a Filosofia lhe recusava a dignidade conceitual. Era possível ler algo sobre a mulher e o feminino de uma perspectiva científica, mas não filosófica! Que medo e recusas levam a Filosofia a rechaçar tema tão instigante ao silêncio da reflexão e da escrita? Implícitas questões vão-se articulando ao longo da obra. Buscando apoio, aliás, bastante irônico, em alguns filósofos, Beauvoir inicia suas pesquisas e indagações. Não se pode desconsiderar, justamente aí, como bem menciona Fátima Silva, que Beauvoir percorre “um vasto conjunto de matérias e testemunhos, que, na sua diversidade e policromia, se fundam na motivação que os coordena” (SILVA, 2010, p. 86).

Tal assertiva incide no que ela descreve como a principal *intervenção* histórica que, desde os antigos gregos, molda uma forma de pensar sobre a mulher. Nas variações da ciência à filosofia, do mito à literatura, da religião ao direito, evidencia-se no texto de Beauvoir uma familiaridade íntima, mesmo que com pouca preocupação em precisar suas fontes, com os limites e convenções históricas impostos à mulher pela cultura.

A envergadura da história

Da história da Filosofia ela colhe excertos misóginos, preconceituosos e que formam uma base moral e cognitiva da cultura. Quando a Filosofia dá ao feminino algum tipo de tratamento, ela o faz da perspectiva do esvaziamento de valores e de direito de poder consubstanciar-se em tema de relevo, inserindo-o na dimensão de simples alteridade, como o *outro* da cultura. De suas assertivas pode-se mesmo indagar: se, desde os antigos gregos, o ser humano só se realiza em razão de si mesmo, em sua busca de autarquia, de autonomia, como pensar e entender o que é ser mulher? Nesse sentido, ela afirma e indaga:

Todo indivíduo que se preocupa em justificar sua existência a sente como uma necessidade indefinida de se transcender. Ora, o que define de maneira singular a situação da mulher é que, sendo, como todo ser humano, uma liberdade autônoma, descobre-se e escolhe-se num mundo em que os homens lhe impõem a condição do Outro. Pretende-se torná-la objeto, votá-la à imanência, porquanto sua transcendência será perpetuamente transcendida por outra consciência essencial e soberana. O drama da mulher é esse conflito entre a reivindicação fundamental de todo sujeito, que se põe sempre como o essencial, e as exigências de uma situação que a constitui como inessencial. Como pode realizar-se um ser humano dentro da condição feminina? (BEAUVOIR, *DS I*, 1980, p. 23).

Sua análise é profunda. Aponta tanto a opressão que pesa sobre as mulheres, quanto as suas dificuldades em se desvencilharem dos laços que as prendem a tal servidão. Beauvoir entende que a mulher assumiu, ao longo dos tempos, o lugar do *outro*, da pura alteridade com valoração negativa, cuja identidade é determinada pelo homem. Também entende que a dimensão humana é sempre paradoxal, já que “o homem que constitui a mulher como um outro encontrara nela profundas cumplicidades” (BEAUVOIR, *DS I*, 1980, p. 15).

Nesse processo de análise do variado quadro histórico de sua época, ela constata que, em pleno século XX, “no momento em que as mulheres começam a tomar parte na elaboração do mundo, esse mundo é ainda um mundo que pertence aos homens” (BEAUVOIR, *DS I*, 1980, p. 15). Suas análises, contudo, não concluem que poderia pesar sobre a mulher um *destino* atávico. Não são as determinações corpóreas ou psicológicas que configuram a mulher com base na alteridade, que a constituem como o *outro* do paradigma eleito como próprio.

Para Sonia Kruks, a questão que se realça no texto de Beauvoir, seja em *O Segundo Sexo*, seja em *Pirro e Cineas*, é a noção de “desigualdade social” (*social inequality*), que torna inviável a reciprocidade entre os gêneros. Mas ambos se reconhecem enquanto uma “liberdade igualitária”, na qual a reciprocidade estaria mais ou possivelmente menos abolida (KRUKS, 1992, p. 100). Tal princípio incondicionado de liberdade se insere no contexto situacional em que a mulher se encontra, para restringi-la não apenas à dimensão do outro, mas do “outro desigual” – “she is the unequal Other” (KRUKS, 1992, p. 101).

Mas se a desigualdade não se inscreve no natural, como se dá a sua ocorrência? Este é o grande desafio a ser enfrentado por Simone de Beauvoir, numa leitura antropológico-filosófica dessa personagem que é o feminino enquanto uma caricatura cultural. Sua assertiva: “Não se nasce mulher, torna-se mulher” vem acompanhada da explicação de que “nenhum destino biológico, psíquico ou econômico define a forma que a mulher ou a fêmea humana assume no seio da sociedade” (BEAUVOIR, *DS II*, 1980. p. 9). Para ela, é bem o conjunto articulado da civilização que elabora o que se qualifica e de forma ainda pejorativa como o feminino na cultura. Resta saber se esta seria a única interpretação possível da condição feminina ao longo da história ou se seria uma composição imposta à própria história? Sua força de expressão, sua escrita com empenho de ação e transformação visam alterar uma realidade que parece outorgada e, pois, de difícil transformação.

Refletida ambiguidade

A sutileza de *O Segundo Sexo* é que as contínuas leituras que dali se originam tornam o feminino, de personagem ambígua da cultura, um ser apto a rever-se de variadas perspectivas. Menciona Michele Le Doeuff que a contínua retomada de *O Segundo Sexo* exige uma forma “incisiva, vigorosa e maravilhosamente clara” de exegese (LE DOEUFF, 1980, p. 277). Segundo a comentadora, a releitura textual sugere várias impressões, mas o texto é mesmo para ser continuamente lido e relido: “‘to be read, and reread’ would seem to be the only possible commentary” (LE DOEUFF, 1980, p. 277).

De certa perspectiva, essa obra pode também ser assumida como um projeto pedagógico de reeducação da cultura ocidental, em bases progressivamente feministas. Tem-se em seus apontamentos longas análises sobre direitos e deveres que assolam de forma arbitrária e diferenciada a história e o século XX. Suas bases investigativas são

louváveis, seu raciocínio é pouco sistêmico, mas lógico e audacioso, e o que Beauvoir nos lega por meio da profundidade textual e das diferentes releituras que vem sofrendo ao longo dos tempos é a possibilidade do feminino e a própria cultura lerem-se pelo viés da alteridade.

O vigor em demonstrar que ser *outro* não é ser menor ou de segunda classe, mas é ser capaz de enfrentar os estigmas da cultura com uma mentalidade outra, com um discurso outro que contempla a ambiguidade do mundo e o paradoxo da existência, é, sem dúvida, seu maior elemento de reflexão.

Em *Por uma Moral da Ambiguidade*, Beauvoir escreve ser privilégio do ser humano apreender de forma paradoxal a verdade intemporal de sua existência,

(...) ser um sujeito soberano e único no meio de um universo de objetos, eis o que ele (o indivíduo) compartilha com todos os seus semelhantes; a seu turno objeto para os outros, ele nada mais é, na coletividade de que depende, que um indivíduo. Desde que há homens e que eles vivem, todos experimentaram essa trágica ambiguidade de sua condição (*cette tragique ambiguïté de leur condition*); mas desde que há filósofos e que eles pensam, a maioria deles tentou mascará-la (*ont essayé de la masquer*). (BEAUVOIR, MA, 2005, p. 10).

A reflexão sobre a condição ambígua da individualidade humana é, por ela, ao longo de seus escritos, constantemente retomada. Analisar a mulher como o *outro* em sua ambiguidade valorativa e existencial mostra-se em sua vasta obra uma referência capaz de correlacionar os vários tópicos e estilos dispostos em seus textos.

Aliás, não se poderia deixar também de comentar que sua relação com Sartre era igualmente bastante ambígua, se assumida da perspectiva da tradição monogâmica, de fidelidade familiar, mas constituía uma relação de amizade plena de uma paixão intelectual única. Em suas memórias, Beauvoir demonstra as sutilezas ambíguas do feminino, a necessidade de falar tudo de si, mas em calar-se diante da *força das coisas* e da *força da idade*. Entretanto, é do contexto da recepção que temos finalmente que abordar seus escritos.

O Segundo Sexo produz efeitos de várias dimensões e a ambiguidade ressaltada no pensamento de Beauvoir não poderia deixar de fazer parte do horizonte interpretativo dessa polêmica obra. Evidencia-se, em torno dela, tanto uma *forma exógena*, em que várias leituras se fazem ao longo da demarcação feminista do final do século XX, quanto uma

forma endógena, que provoca mudanças na concepção de mundo da própria Simone de Beauvoir.

Forma exógena de recepção

Judith Butler chega mesmo a entender que a legendaria expressão que marca a polêmica obra de 1949, “não se nasce mulher, torna-se mulher”, determina a distinção entre *sexo* e *gênero*, convertendo-se, pois, no variado modo de aculturação corpórea, para além de um destino crivado na anatomia (BUTLER, 1986, p. 35). Por meio de certa interpretação da expressão de Beauvoir, o *gênero* seria um processo ambíguo de autoconstrução, presente no verbo *tornar-se*, que abarcaria o ato proposital de se assumir, por meio de atos e habilidades, um estilo corpóreo de significados. Contudo, sob o prisma da ambiguidade, pensa Butler, esse verbo aponta também para uma determinação passiva, construída por “um sistema personificado de linguagem patriarcal e falocêntrica”¹, o que requer uma indagação sobre os mecanismos específicos dessa construção. O amplo conceito de *gênero*, aliás, deve estar assimilado a uma realização de *possibilidades*, a um processo de interpretação corpórea com formas culturais. Mesmo que se nasça com a composição de um corpo físico de mulher, o ato de *tornar-se* uma Mulher pressupõe, ainda para Judith Butler, um processo de apropriação e reinterpretação advindas de possibilidades culturais. Em seu entendimento da sentença de Beauvoir – a qual marca uma etapa valorosa no percurso indagativo dos movimentos feministas e no processo hermenêutico da subjetividade humana a partir do século XX –, reconhece-se que, para se assumir as características de *gênero*, há que se submeter a uma *situação* cultural, que dialeticamente incita a participação no ato de criação dessa mesma *situação*. Assim, a famosa fórmula leva em consideração as bases do ato de compromissar-se, de engajar-se nos moldes existenciais, que se assegura por um movimento dialético, como algo que sofre o impacto da cultura, mas a ela também impõe as suas determinações. Como registra Shirra Tarrant², até mesmo

¹ BUTLER, Judith. 1986, p. 36. “It is usual these days to conceive as passively determined, constructed by a personified system of patriarchy or phallogocentric language which precedes and determines the subject itself.”

² TARRANT, Shirra. 2006, p. 170. “Response to *he Second Sex* immediately followed the book’s publication. Popular reviews found Beauvoir’s philosophy too radical and unwieldy. Others thought Beauvoir’s book contained potent theories to be reckoned with. Still others believed *he Second Sex* was the manifestation of a neurotic woman”.

as contradições entre as várias intérpretes de Beauvoir ressoam o modo como esse ensaio suscitou, em várias épocas, um grande impacto. Não apenas com elogios conviveu a obra, havendo intérpretes que a identificaram, de forma pejorativa, como fruto de uma mulher neurótica (TARRANT, 2006, p. 170). Sobretudo, essa comentadora pondera acerca das dificuldades e sutilezas das traduções do livro, que o desvirtuam e dão margem a interpretações variadas (TARRANT, 2006, p. 187-190).

A recepção endógena

De forma endógena, evidencia-se a maneira como Beauvoir, ao longo dos anos e na interlocução com suas leitoras, foi articulando mudanças interpretativas em sua própria visão do mundo e das formas de participação política. Por meio de sua escrita nova, liberta dos sistemas filosófico-políticos da tradição, expressando-se por meio de ensaios, de obras de memória e de ficção, também os movimentos feministas releem seu pensamento e passam com ela a dialogar, formando uma recepção endógena, interior, íntima, autoconstrutiva. O feminismo, inaugurado radicalmente nos anos 60 e 70, em suas várias abordagens e movimentos, apresenta-se, em grande parte, na interlocução com *O Segundo Sexo*. Na mesma época, Beauvoir vai gradualmente reconstruindo a memória de um século em seus textos ditos autobiográficos – em que, de biografia, nós sabemos, há muito pouco. Como leitora e expectadora das abordagens feministas, ela passa a ler a si mesma e ao seu tempo, inserindo-se num processo de transformação de leituras e recepção de novos saberes e contínua ação.

Parece se configurar aí essa circularidade dialética de recepção e interferências, surgindo a complexa envergadura política do *feminino* na cultura. A filósofa Simone de Beauvoir pensa sobre si mesma enquanto mulher em situação histórica, escrevendo sobre outras mulheres igualmente em *situação*. Contudo, como menciona Isabel Capelo Gil, Beauvoir não deveria ser reduzida a uma “pensadora de uma existência feminina em situação”. Ao pensar muito além da *dualidade* dos sexos, ela dirige suas interpelações à história, continuamente se posicionando em *apoios* e *protestos*, no intento de mudar o limite moral e político do século XX (GIL, 2010, p. 15). De sua coragem e de seus modelos pouco convencionais de vida, ela nos legou novas possibilidades de reconstruir a sociedade

nas bordas da escrita, e, sobretudo, nas margens da autoridade patriarcal, que se dissimula em vozes distintas e ressoa ainda na contingência do vivido.

“Não se nasce mulher, torna-se mulher”. Esta assertiva possivelmente seja a maior de todas as provocações que o feminino na história pode trazer à revolução do pensamento social e político do último século. Beauvoir ungiu a cultura da possibilidade de compreender-se a si mesma, face a tema tão sutil e evidente, tão original e constante nos embates da história.

Referências

ARENDDT, Hannah. Prefácio. **As Origens do Totalitarismo**. Tradução Roberto Raposo. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

BEAUVOIR, Simone de. **Na Força da Idade**, v.I. Tradução Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1961.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**, v.I, II. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BEAUVOIR, Simone de. **Pour une morale de l'ambiguïté**. Paris: Gallimar, 1983. Idées.

BUTTLER, Judith. Sex and Gender in Simone de Beauvoir's Second Sex. **Yale French Studies**, n. 72, Simone de Beauvoir: Witness to a Century (1986), pp. 35- 49, Yale University Press, 1986. Stable URL: <http://www.jstor.org/stable/2930225>. Accessed: 21/04/2009 12:09

GIL, Isabel Capelo. Introdução. Interpelações beauvoirianas. In: GIL, Isabel Capelo; Manuel Cândido PIMENTEL (Org.). **Simone de Beauvoir. Olhares sobre a Mulher e o Feminino**. Lisboa: Nova Vega, 2010. p. 15-21.

KRISTEVA, Julia. Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir, ou a reinvenção do casal. Tradução Mariana Portella. **Tempo Brasileiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 162, n.37/46, jul-set. 2005, p. 37-46.

KRUKS, Sonia. Gender and Subjectivity: Simone de Beauvoir and Contemporary Feminism. **Signs**, v.18, no. 1, p. 89-110, Chicago: The University of Chicago Press, Autumn, 1992.

Stable. disponível em: <http://www.jstor.org/stable/3174728>. Accessed: 21/04/2009 11:35

LE DOEUFF, Michele. Simone de Beauvoir and Existentialism. **Feminist Studies**, v. 6, n.2, p. 277-289, Summer, 1980. Stable URL: <http://www.jstor.org/stable/3177742>. Accessed: 21/04/2009 12:06.

SILVA, Maria de Fátima. O Segundo Sexo. Condição feminina sob o jugo da tradição. In: GIL, Isabel Capelo; Manuel Cândido PIMENTEL (Org.). **Simone de Beauvoir. Olhares sobre a Mulher e o Feminino**. Lisboa: Nova Vega, 2010, p.85-98.

TARRANT, Shirra. **When sex became gender**. New York: Routledge, 2006.